









Academia de Marinha



# MEMÓRIAS 2021

VOLUME LI

LISBOA  
2022



OCEANO AZUL  
fundação

## Ficha técnica

**Título** Memórias 2021

**Edição** Academia de Marinha, Lisboa

**Coordenação** José Manuel Maia  
Luís Couto Soares

### Capa e contracapa

Octante inglês, de 16 polegadas, em latão, mogno, marfim e vidro, com inscrição  
“Made by THO<sup>s</sup>. RIPLEY Hermitage Bridge \* LONDON \* For M<sup>r</sup> James Adam Nov<sup>r</sup> 5 1788”

Fabricante: Thomas Ripley, Hermitage Bridge, London

Dimensões: 46 x 37 cm

Data: 1788

Colecção LCS

Fotos: Filipe Enes

Concepção gráfica: Luís Couto Soares

**Data** Janeiro 2023

**Tiragem** 200 exemplares

**Impressão e acabamento** Página Ímpar

**Depósito legal** 355115/13

**ISBN** 978-972-781-171-7

# DE GÉNOVA A SETÚBAL MAR E FESTAS NO CASAMENTO DE D. ANA DÓRIA COM D. JORGE DE LENCASTRE

Comunicação apresentada pela Prof<sup>a</sup> Doutora  
Maria João Pereira Coutinho<sup>1</sup>, em 20 de abril

## NOTAS PRÉVIAS

O estudo que ora se apresenta incide sobre o enlace de D. Ana Dória (1605-1620), princesa de Melfi, com D. Jorge de Lencastre (1594-1632), duque de Torres Novas, em Setúbal, no ano de 1618, a partir de uma fonte manuscrita, quase ignorada, de João Batista Lavanha (c. 1550-1624), cronista-mor e cosmógrafo ao serviço dos Habsburgo.

Embora referida por D. António Caetano de Sousa<sup>2</sup>, António-Paulo Ubieto Artur<sup>3</sup> e António José Duarte Costa Canas<sup>4</sup>, e também por nós<sup>5</sup>, entre outros autores, esta nunca foi transcrita, editada e analisada. Também nunca foi estudada na perspectiva da importância que esta união teve no contexto da Monarquia Dual, bem como no que concerne aos aspectos ligados ao mar.

Pretendendo trazer à luz essa narrativa, através de uma abordagem que procura enquadrar os antecedentes portugueses desta tipologia de efeméride da Época Moderna, o texto, que oportunamente se dará à estampa, acompanhado da transcrição integral e inédita do documento, divide-se em três partes, que incidem sobre as “Festas no Mar”, as “Festas na Terra” e o cronista “João Bauptista Labanha”.

Para além de traçar o caminho marítimo que essa princesa percorreu até chegar àquela que foi a sua nova e derradeira casa, em Setúbal, o estudo procura informar sobre

---

<sup>1</sup> Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da Norma Transitória - [DL 57/2016/CP1453/CT0046].

<sup>2</sup> D. António Caetano de SOUSA, *Historia genealogica da Casa Real Portuguesa, desde a sua origem até o presente, com as Familias illustres, que procedem dos Reys, e dos Serenissimos Duques de Bragança*. TOMO XI, Lisboa, Regia Officina Sylviana, Academia Real, 1745, pp. 69-72.

<sup>3</sup> António-Paulo Ubieto ARTUR, “Aportações à Biografia de João Baptista Lavanha”, in *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol. XXXVI, 1991, pp. 395-408.

<sup>4</sup> António José Duarte Costa CANAS, *A obra náutica de João Baptista Lavanha (C. 1550-1624)*, Tese de doutoramento em História (História dos Descobrimentos e Expansão), apresentada à Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2012.

<sup>5</sup> Maria João Pereira COUTINHO, “Do cerimonial religioso ao aparato régio: o contributo de Almeida Carvalho para o estudo das celebrações em Setúbal na Época Moderna”, in *Revista Musa*, N.º 5, 2018, pp. 141-150.

os diversos cenários que se configuram junto ao rio Sado, e sublinhar a importância desta narrativa no contexto do entendimento das festas áulicas portuguesas.

Tendo, portanto, o mar e o rio como pano de fundo, o cerimonial pode ser comparado com outros casamentos, mas também com a *Joyeuse Entrée* de Filipe III de Espanha (1578-1621) em Portugal, no ano de 1619<sup>6</sup>.

## “FESTAS NO MAR”

### Os antecedentes portugueses desta tipologia de efeméride

A importância que os aparatos marítimos têm nos cerimoniais áulicos deve ser equacionada na análise destas festas, particularmente por servir de modelo a seguir. Assim, nunca é demais recordar alguns dos matrimónios ocorridos em Portugal.

O da infanta D. Leonor (1434-1467), filha de D. Duarte (1391-1438), com Frederico III (1415-1493), imperador do Sacro Império Romano-Germânico, em 1451, é um dos primeiros. Nessa data, sabemos que essa princesa se deslocou num aparatoso cortejo até ao cais da Ribeira de Lisboa, “onde se havia fabricado huma magnifica ponte”<sup>7</sup> e embarcou na luxuosa carraca *Doria*, mandada vir de Itália<sup>8</sup>. Esse evento mobilizou cerca de 3.000 pessoas, que se distribuíram no Tejo por duas carracas, cinco ou seis naus, duas caravelas e oito barcas<sup>9</sup>.

No casamento da infanta D. Beatriz (1504-1538) com Carlos III (1486-1553), duque de Sabóia, em 1521, o rio foi novamente palco para essa tipologia de celebrações<sup>10</sup>. A partida da infanta deu origem ao engalanamento de batéis, naus, galés, galeões e caravelas da armada, bem como à faustosa decoração da embarcação onde seguiu a família real e respectiva comitiva, com toldos de brocado de veludo, alcatifas, bandeiras e estandartes de damasco carmesim e branco<sup>11</sup>. O cortejo foi acompanhado

<sup>6</sup> João Baptista LAVANHA, *Viagem da Catholica Real Magestade del Rey D. Filipe II. N. S. ao Reyno de Portugal e rellação do solene recebimento que nelle se lbe fez / S. Magestade a mandou escreuer por Ioão Baptista Lavanha sev Coronista Mayor*, Madrid, Thomas Iunti, Impressor del Rei N. S., 1622 (En Madrid por Thomas Iunti, Impressor del Rei nosso Senhor, 1621).

<sup>7</sup> D. António Caetano de SOUSA, *op. cit.*, TOMO II, Livro III, 1736, p. 315.

<sup>8</sup> Maria Helena da Cruz COELHO, “A política matrimonial da dinastia de Avis: Leonor e Frederico III da Alemanha”, in *Revista Portuguesa de História*, 36, 2002-2003, pp. 41-70, e António Martins COSTA, “O casamento de Leonor e Frederico III (1451-1452) e as relações entre Portugal e o Sacro Império nos finais da Idade Média”, in *Medievalista online*, n.º 24, 2018. Consultado a 20 de Março de 2020 em: <https://journals.openedition.org/medievalista/1703>.

<sup>9</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>10</sup> Ana Maria ALVES, *As Entradas Régias Portuguesas*, Lisboa, Livros Horizonte, 1986, pp. 31-32 e Carla Alferes PINTO, “Objectos artísticos, aparato e cor carmesim na memória esquecida do casamento da infanta D. Beatriz (1521)”, in Ana Maria S. A. RODRIGUES, Manuela Santos SILVA, Ana Leal de FARIA (coord.), *Casamentos da Família Real Portuguesa. Êxitos e fracassos*. Vol. IV. Lisboa, Círculo dos Leitores, 2017, pp. 169-197.

<sup>11</sup> *Idem, Ibidem*.

de uma forte componente musical, onde se evidenciavam os sons das muitas charamelas e trombetas<sup>12</sup>.

Também a entrada de D. Joana de Áustria (1535-1573), filha de Carlos V (1500-1558), para se unir em 1552 ao príncipe João Manuel (1537-1554), foi significativa no que refere ao Tejo como cenário para as comemorações<sup>13</sup>. Foi lançado fogo de artifício das naus que se encontravam no rio. Para além dessas embarcações, somava-se a presença de fustas, batéis e caravelas, que faziam muitos jogos e invenções, e que ostentavam toldos e outras armações, revestidas de brocados, sedas e vistosas bandeiras<sup>14</sup>. Iam na principal embarcação, os monarcas e os nobres, e em outra, de menor aparato, os oficiais da cidade. Todas tinham decorações alusivas a Lisboa, como bandeiras com a representação da nau e do corvo, e outros acessórios<sup>15</sup>. O mesmo testemunho narra que se contaram nesse acto mais de seiscentas caravelas<sup>16</sup>.

Apesar de não termos conseguido localizar relatos que o comprovassem, a partida de Lisboa da infanta D. Maria (1538-1577), em 1565, aquando do seu casamento com Alexandre Farnésio (1545-1592), duque de Parma, ter-se-á certamente realizado com a pompa marítima que a circunstância também exigia<sup>17</sup>.

### Os preparativos dos esponsais

Desconhecendo ainda os pormenores que antecederam o matrimónio de D. Ana Dória com D. Jorge de Lencastre, não convém ignorar o propósito que este enlace terá tido no que se refere a reforçar laços e alianças entre uma das maiores casas de Portugal, a Casa de Aveiro, e a Casa de Áustria, numa época onde era conveniente legitimar um governo hispano-português. D. Ana Dória era genovesa e estava, desde o pacto celebrado entre o almirante Andrea Dória (1466-1560) e o imperador Carlos V, indubitavelmente ligada à Coroa espanhola, por via da aliança comercial que se tinha estabelecido entre Génova e Espanha.

Sendo filha de Andrea Dória (1570-1629), 3.º príncipe de Melfi, *Grande de Espanha*, e de D. Joana Colonna, (c. 1570-1620), era neta pela via materna de Fabrizio Colonna (1557-1580) e de Ana Borromeu (c. 1550-?) e bisneta de Margarida de Medici

<sup>12</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>13</sup> Ana Maria ALVES, *op. cit.*, pp. 76-82 e Ana Isabel BUESCU, *Na Corte dos Reis de Portugal, Saberes, Ritos e Memórias*, Lisboa, Edições Colibri, 2010, pp. 149-151.

<sup>14</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>15</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>16</sup> Acerca desta tipologia de embarcação, que também podia ser “um simples barco de pesca, de boca aberta, de pano latino, e que possivelmente, largava uma única vela”, consulte-se a obra dos Comandantes Humberto LEITÃO e J. Vicente LOPES, *Dicionário da Linguagem de Marinha Antiga e Actual* (3.ª edição), Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos da Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1974, p. 138.

<sup>17</sup> D. António Caetano de SOUSA, *op. cit.*, TOMO III, Livro IV, 1737, pp. 261-265.

(1510-c. 1547), o que a tornava sobrinha neta do Cardeal Carlos Borromeu (1538-1584) e sobrinha neta, em 2.º grau, do papa Pio IV (1499-1565). Pela via paterna era sobrinha de D. Carlos Dória Carreto, Duque de Tursi (1576-1650), irmão de seu pai, Capitão Geral das Galés de Génova, e diplomata genovês ao serviço de Espanha<sup>18</sup>.

Ana Dória era ainda irmã de D. Artemisia (1604-1654), que havia casado em Fevereiro de 1618, com D. Francisco de Borja (1596-1664), 8.º Duque de Gandía, à semelhança do que havia acontecido com sua tia, também ela Artemisia, casada com o 7.º Duque do mesmo título. Essa circunstância fazia dela parente dos descendentes do jesuíta Francisco de Borja e Aragão (1510-1572), que, como iremos ver mais adiante, foi determinante para a obtenção dos cabedais necessários para a preparação da boda.

D. Jorge de Lencastre, 1.º duque de Torres Novas, era, por sua vez, filho de D. Álvaro (1540-1626) e de D. Juliana de Lencastre (1560-1636), duques de Aveiro, e descendente de D. Jorge de Lencastre, 2.º duque de Coimbra (1481-1550), e logo de D. João II (1455-1495)<sup>19</sup>. Era, portanto, parente de Isabel de Portugal (1503-1539), mãe de Filipe II (1527-1598) e avó do então rei.

Esta aliança matrimonial, entre famílias portuguesas e famílias próximas dos Áustria ou mesmo *Grandes de Espanha*, fazia, assim, sentido numa monarquia que se apelidava Dual. Se atendermos a que Duque de Torres Novas, logo após a morte de D. Ana Dória em 1620, voltou a casar com uma espanhola, D. Ana Maria de Cárdenas y Manrique de Lara (c. 1600-1660), filha do 4.º marquês de Elche e da 5.ª duquesa de Nájera, podemos confirmar que esta ideia de firmar laços entre portugueses e espanhóis, ou de indivíduos de outras nações, próximas à coroa espanhola, foi prática comum no contexto desta geração da Casa de Aveiro.

Quanto aos pormenores do ajuste da união em estudo, sabemos que foi contratualizado o Dote, a que se seguiu um Alvará, no qual o rei supriu os defeitos do anterior contrato. As capitulações matrimoniais ocorreram a 2 de Fevereiro de 1617, em Madrid, no “Paço de Sua Magestade”, estando presentes os duques de Lerma<sup>20</sup> e Oseta, na qualidade de procuradores do duque de Torres Novas, e que o Dote foi de 40.000 cruzados<sup>21</sup>.

<sup>18</sup> Archivo General de Simancas (AGS), *Instrucciones para la embajada*, E, 2329 e 2331; Archivo Histórico Nacional (AHN), *Estado*, 3459, 3; F. BARRIOS, *El Consejo de Estado de la Monarquía Española*, Madrid, Consejo de Estado, 1984, pág. 369; M. Cavanna CIAPPINA, “Dória, Carlo”, in *Dizionario biografico degli Italiani*, Vol. XLI, Roma, Istituto della Enciclopedia Italiana-Treccani, 1992, pp. 310-314.

<sup>19</sup> Fernando de Castro da Silva CANEDO, *A Descendência Portuguesa de El-Rei D. João II*, Vol. I, Lisboa, Edições Gama, 1945, p. 26 e D. António Caetano de SOUSA, *op. cit.*, Tomo XI, p. 69.

<sup>20</sup> O Duque de Lerma era particularmente próximo do rei, tendo sido o responsável pelas festas que lhe foram feitas em 1605, em Valladolid; cf. Patrick WILLIAMS, “El Duque de Lerma y el nacimiento de la Corte Barroca en España: Valladolid, verano de 1605”, in *Studia Historica: Historia Moderna*, 31(0), de 4 de Março de 2011, pp. 19-51. Consultado a 9 de Abril de 2020 em: [https://revistas.usal.es/index.php/Studia\\_Historica/article/view/7736](https://revistas.usal.es/index.php/Studia_Historica/article/view/7736).

<sup>21</sup> Biblioteca da Ajuda (BA), Ms. 51-IX-8, fls. 165-173 v.º.

D. Ana Dória foi à data descrita numa fonte coeva como sendo de “estatura alta mui bem tirada; direita Rosto branco, feições antes meudas *que* grandes olhos verdes Cabellos de ouro»<sup>22</sup>. Outra fonte indica que era “de aspecto grave, mas alegre, revestida de brio Romano, mas com muito agrado.”<sup>23</sup>. D. Jorge de Lencastre era “mui pio e devoto”. Tinha particular devoção pela Santíssimo Sacramento e servia na irmandade da Misericórdia de Setúbal. Era também “muy inclinado à caça, que seguia com excesso”<sup>24</sup>.

### **A viagem de Génova a Setúbal e a entrada de D. Ana Dória**

A 12 de Julho de 1618, D. Ana Dória, que tinha sido confiada a Carlos Dória Carreto, duque de Tursi e seu tio, parte de Génova numa galé, acompanhada pela infantaria italiana, pelos duques de Gandía, e pelo marquês de Lombay. Foram na mesma embarcação até Savona: “a Princeza Sua may, e o Principe João Andre Dória seu Irmão, assy mesmo a Duqueza de Turse, e sua Irmãa a Duqueza de Choli com seu marido Dom Carlos Cibo Duque de Ebuli herdeiro do Principado de Massa”, que, segundo o documento em análise, afectuosamente se despediram da nova duquesa<sup>25</sup>.

D. Ana prosseguiu viagem até Barcelona, onde aportou a 19 de Julho, e depois até Dénia, onde se despediu dos duques de Gandía e dos marqueses de Lombay. Ao chegar ao Estreito de Gibraltar, onde se encontrava a Armada de Portugal e Castela para a receber, de que era General D. António de Ataíde, dirigiu-se a Sagres, “*para dobrar o cabo de São Vicente*”.

A 10 de Agosto, dia do bem-aventurado mártir São Lourenço, a armada onde seguia alcançou a Arrábida e a Torre do Outão. Foi simultaneamente avistada em terra, “e subitamente se não ouviu em Setuval outra couza por todas as ruas, praças e praya, se não Galés Galés”<sup>26</sup>. Após fundearem, foram ao seu encontro os duques de Aveiro e de Torres Novas num conjunto de fragatas “de nove remos por banda com sua popa lavrada de mecanaria, pessa *que* se fizera *para* El Rey *quando* se tratou de vir Sua Magestade a este Reyno”<sup>27</sup>. Quando chegaram a essa embarcação, foram recebidos com grande salva de artilharia e arcabuseria, e ao som de muitas trombetas. A Capitania Real, que era composta por 30 barcos, trouxe, por sua vez, “seis galiotes, e todos erão da mesma idade, do mesmo tamanho, das mesmas feições, e libre; a popa lavrada de fora de m[r]açenaria e relevo, dourado tudo, e por dentro com entarsi de varias madeiras e de marfim e preto tudo feito de novo para trazer esta Senhora, sercada toda de vidros cristalinos contra o vento e para a vista, com

<sup>22</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>23</sup> D. António Caetano de SOUSA, *op. cit.*, TOMO XI, pp. 69-72.

<sup>24</sup> *Idem, Ibidem*, p. 70.

<sup>25</sup> BA, Ms. 51-IX-8, fls. 165-173 v.º.

<sup>26</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>27</sup> *Idem, Ibidem.*

cortinas de ouro e seda com que se encobrião quando não queriam ver nem ser vistos”<sup>28</sup>. Foram também “empavezadas as Galés de festa, com estandartes, e galhardetes, levantarão ferro, e derão fundo defronte da ponte, que se tinha fabricado sobre barcos, e dando todas as Galés huma salva de artilharia, lhe respondeo com outra o Castello de S. Filippe, e a esta se seguio outra da gente da guarnição da Villa.”<sup>29</sup>. D. Ana Dória já tinha sido presenteadada com “hum collar, e huma cinta, (...), pessos de mui grande vallor, que forão da pessoa del Rey Dom João o segundo”, mesmo sem ter tido qualquer tipo de contacto com D. Jorge de Lencastre. Todavia, após se terem finalmente conhecido, o impacto que causou ao duque de Torres foi de tal forma positivo, que este “furtou a volta ao pay, e ordenando duas faluas de varios instrumentos muzicos e cantores excellentes, se foi disfarçado outra vez a bordo da Galé Real”<sup>30</sup>.

## “FESTAS NA TERRA”

### Os sponsórios dos duques de Torres Novas

A 11 de Agosto de 1618, concretizou-se, por fim, a boda em terra, na igreja de São Julião, que funcionava como capela privativa da família, desde a época em que D. Jorge de Lencastre, duque de Coimbra, se havia instalado nos paços contíguos a esse templo<sup>31</sup>. Tal como já tivemos oportunidade de notar num outro estudo, a propósito da evolução construtiva desse paço de Setúbal, em 1617, o duque de Aveiro solicitou uma licença ao Senado da Câmara para abrir uma porta na muralha<sup>32</sup>, pedido esse que foi naturalmente aprovado, com a reserva de, em caso de guerra, o duque ficar obrigado a fechar essa porta. Nessa data o edifício ainda era referido como “antigo e acanhado”, mas no ano seguinte são empreendidas obras que levaram à construção de um corpo com “novas e formosas salas”<sup>33</sup>.

<sup>28</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>29</sup> D. António Caetano de SOUSA, *op.cit.*, TOMO XI, p. 70.

<sup>30</sup> BA, Ms. 51-IX-8, fls. 165-173 v.º.

<sup>31</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>32</sup> João Vieira CALDAS, Maria João Pereira COUTINHO, “Os Paços dos Duques de Aveiro em Setúbal”, in *Património Arquitectónico Civil de Setúbal e Azeitão*, Setúbal, Estuário História, 2019, pp. 111-139.

<sup>33</sup> “O Palácio ou casa dos Duques de Coimbra (Aveiro riscado) estava proximo a igreja de S. Giam, para a qual tinha uma tribuna reservada. A muralha da fortificação ficava em frente do palacio e do lado do Sul, correndo as casas ou aposentos pelo Nascente, Norte e Poente da muralha entre o qual e os mesmos aposentos estava o pateo ou terreiro do paço.

A construção era antiga e acanhada. Só pelos annos de 1618 é que se acabaram as obras novas e formosas salas do lado do norte, que a deitavam sobre a praça do sapal: uma do lado do tal (?) sobre a praia // nada haviam alem das muralhas com suas ameias e seteiras e dois altos cubellos, como vê da planta da mesma villa, tirada a 1643. Depois nos dois cubellos construíram casas em dous andares, e lojas com janellas e portas para a praia e entre esses cubellos sobre a muralha fes-se uma extensa varanda”; Arquivo Distrital de Setúbal (ADS), *Arquivo Pessoal de Almeida Carvalho, Casas da ordem; Paço do Duque*, PT/ADSTB/PSS/APAC/E/0003, fls. 32-32 v.º. Remete para o Arquivo da Câmara Municipal de Setúbal, *Livro de Vereações de 1618*, fls. 170 v.º, 191 e 195.

No mesmo ano de 1618 o duque pede licença para construir um jardim na praia em frente ao seu palácio, aspecto que reforça a ideia de estar a preparar o espaço marítimo de recepção de D. Ana Dória. As fontes revelam que a população se opôs, dizendo que o duque não podia ocupar o terreiro da praia, que era público<sup>34</sup>. Certo é que assim que a princesa chegou a terra, avistou uma galeria, e eirados virados para o rio, o que comprova a importância que este edifício tinha no contexto dessa vila.

Nessa ocasião, D. Ana vestia “sitim verde, bordado primorosamente de ouro, com colar, e cinta de rubis”<sup>35</sup>, conjunto já mencionado que pertencera a D. João II, e foi conduzida a um coche, onde a esperava D. Juliana, sua sogra, “*que para este Paço se fizera todo de balaustres de prata lavrada ao buril com muitas Rozas, e o ceo do mesmo cuberto de flores da mesma prata com varias emprezas na popa e proa tudo sobre Carmezim*”. “O chão do coche [era] do mesmo veludo carmezim cheio de pregadura dourada almofadas bordadas carmezis, todo elle aberto cuberto de huma capa de velludo carmezim bordado”, e era puxado por seis cavalos frizões russos, conduzidos por dois cocheiros com suas marlotas<sup>36</sup>.

D. Jorge, por sua vez, envergava “calças, e coura de ambar, bordado de ouro, sobre sitim encarnado, cappa negra bordada de ouro, espada de ouro, e na gorra penacho rico de diamantes”<sup>37</sup>.

As ruas estavam armadas e na principal praça, defronte da já mencionada igreja de São Julião, onde ocorreu a cerimónia religiosa, presidida por D. Jorge de Melo, Prior-mor da Ordem de Santiago, estava um esquadrão de gente da terra, de Lisboa e de muitos outros lugares<sup>38</sup>.

A essa celebração seguiu-se uma homenagem, num estrado que se havia montado no quarto do duque de Torres Novas, no renovado palácio dos duques de Aveiro, danças e um banquete. Puseram-se duas mesas em cada sala; a primeira destinava-se aos homens, a segunda às senhoras. Foram servidos vinte quatro pratos, assistidos por um trinchante e quatro mantieiros, ricamente vestidos de ouro e negro, “Mestres sallas com suas toalhas nos hombros (...) seus Porteiros de Cana e Maçeiros, o Rey de armas com hum escudeiro em corpo”, vários copeiros e cozinheiros. A casa estava cheia de fidalgos, gente nobre, naturais da terra e forasteiros, e a guarda de tudescos da Casa de Aveiro<sup>39</sup>.

<sup>34</sup> “Em 1618 o Duque d’ Aveiro quis fazer um jardim na praia defronte das suas cazas, e parece que requerera á Camara nesse sentido, ou tentou logo faze lo. O povo porem oppoz se dizendo que o Duque não podia occupar o terreiro da praia, que era publico. Mas o Duque depois mandou tapar o terreno que queria para o jardim com estacaria.”; ADS, *Arquivo Pessoal de Almeida Carvalho, Casas da ordem; Paço do Duque*, PT/ADSTB/PSS/APAC/E/0003, fl. 30. Remete para o Arquivo da Câmara Municipal de Setúbal, *Livro de Vereações de 1618*, fls. 170 v.º e 195.

<sup>35</sup> D. António Caetano de SOUSA, *op. cit.*, TOMO XI, pp. 70-71.

<sup>36</sup> BA, Ms. 51-IX-8, fls. 165-173 v.º.

<sup>37</sup> D. António Caetano de SOUSA, *op. cit.*, TOMO XI, p. 71.

<sup>38</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>39</sup> BA, Ms. 51-IX-8, fls. 165-173 v.º.

As casas da vila também foram aparelhadas com armações de tela e seda, “com seus leitos e cortinas de damascos novos franjados de ouro”, para acomodar toda a comitiva<sup>40</sup>. O arranjo do quarto destinado ao duque de Tursi, decorado com um “docel de bordado; as sedas (...) da Índia mui aprazíveis, com seus bofetes cubertos de tellas e sedas, tudo franjado e guarnecido de ouro”; bem como os inumeros presentes que foram encomendados para o mesmo duque levar para Génova, a saber: vinte quatro mates de ambar, cinquenta pares de luvas, um escritório de charão, peças guarnecidas de madreperola, com as gavetas cheias de riquezas da Índia, “huma de ambar branco, outra de papos de almiscar, outra de pipinhas de marfim de algalia, outra de pedras vazares e porco espim, outras de outras couzas e pera hir tudo hia huma de cravo, pimenta e maça.”<sup>41</sup> foram algumas das pompas apontadas por Lavanha. E a “ostentação” foi tal, que também se mandou para Génova “a cama e o leito e tudo em que dormira”, “e com isto se forão mui contentes, [e] mui espantados // da grandeza e realeza desta Caza de Aveiro, dizendo que bem parecia Real.”<sup>42</sup>.

### “JOÃO BAUPTISTA LABANHA”

#### **Cronista do Reino e Mestre do Príncipe**

Este ensaio não ficaria completo sem uma nota comparativa entre a crónica de Lavanha, que temos vindo a relatar, datada de 1618, e aquela da vinda de Filipe III de Espanha (1578-1621) a Portugal, no ano de 1619<sup>43</sup>. Com efeito, se atendermos ao facto de assinar a primeira como cronista do reino e mestre do Príncipe, função que desempenhava desde que fora nomeado em Março de 1618, podemos aventar a hipótese deste relato se tratar de uma encomenda régia. Por outro lado, se tivermos em consideração que na segunda relação são referidas as duas estadas do monarca nas casas de Azeitão e nas de Setúbal, podemos subtrair a ideia de o acompanhamento que o cronista faz a estas festas, poderá ter sido para aferir a qualidade dos espaços por onde o rei ia passar. Veja-se a primeira referência à sua permanência em Azeitão, onde se menciona: a estada numa “casa de prazer que nelle tem o Duque de Aveiro; he a casa grande de quartos & galarias, lavradas pelo mesmo Duque cõ grã pericia, rodeada de aprazíveis jardís, & graciosas fontes, a vista em extremo alegre, & agradável, porque he a de Lisboa (que lhe fica defronte) do seu porto, & do Rio de Couna,

<sup>40</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>41</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>42</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>43</sup> Sobre esta obra *vide*, entre outros, os textos mais recentes dos seguintes catálogos: Miguel SOROMENHO (coord.), *Joyeuse Entrée. A Vista de Lisboa do Castelo de Weillburg*, Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, 2016 e Pedro FLOR (coord.), *Praça Universal de Todo o Orbe. Uma Vista de Lisboa em 1619*, Lisboa, Museu de Lisboa, 2019.

por cima de oúlvaaes, & vinhas, & de hua charneca sempre verde. Hospedou o Duq a sua Mag. com muita grandeza, & magnificencia que se estendeo a presentes feitos a sua Mag. Alt. & às Damas.”<sup>44</sup>. Já sobre a permanência de Filipe III na casa de Setúbal, o cronista refere que este se apeou “as casas do Duque de Aveiro”, que eram “da Ordem, fundadas pelo Mestre de Santiago seu Avo, filho del Rei D. Ioão II. & renovadas pelo Duque, as quaes estavão ricamente concertadas”<sup>45</sup>. E, a propósito da descrição do território, menciona também as ruínas romanas de Tróia, e o facto de se terem retirado destas “estatuas, columnas, & muitas inscrições, que entre outras antiguidades dignas de eterna memoria”, que à data se conservavam nas suprarreferidas casas do duque de Aveiro.

Por outro lado, ainda, importa sublinhar que, nas festas do casamento, ao contrário do que ocorreu na entrada régia, Lavanha permitiu-se criticar as grandes despesas feitas pelo duque de Aveiro. O narrador afirma “forão excessivos os gastos *que se fizerão*” e “foi tanta, a carne (...), *que a raça chegou a valler naquelles dias a tres réis o arratel*, e o Carneiro a quatro, sendo assy *que dantes vallia a vintem*”<sup>46</sup>. Acerca dos mesmos gastos, importa também esclarecer que estes foram financeiramente suportados pela Companhia de Jesus, levando ao endividamento da família. Com efeito, após a análise de vários registos documentais, compreendemos que as despesas deste aparato, bem como as dos preparativos para a recepção que Filipe III, aquando da sua vinda em 1619<sup>47</sup>, foram comissionadas por membros desse instituto religioso, uma vez que, entre 1616 e 1617, D. Álvaro de Lencastre, valendo-se da ligação que D. Ana Dória tinha com Francisco de Borja, solicita aos Padres Francisco Pereira, Provincial, Cristóvão de Gouveia e Diogo Luís, c. de 90.000 cruzados, da fazenda do colégio de Santo Antão-o-Novo<sup>48</sup>. Tal como previsto, o duque de Aveiro honra o seu compromisso de liquidar parte da dívida até à data da sua morte, em 1626. Todavia, após essa data, a viúva e o filho deixam de se sentir obrigados a pagar o restante. Tal, leva à discórdia entre os padres da Companhia, relativamente à forma de recuperar esse dinheiro, pois, se alguns membros consideravam que se podia dialogar e aguardar a devolução, outros acreditavam ser mais eficaz avançar para contencioso<sup>49</sup>.

Entre diversas trocas de correspondência com os jesuítas e outros membros da Companhia, destaca-se uma carta redigida por D. Ana Maria de Cárdenas y Manrique de Lara, que nos informa que: “era muito afeiçoada à Companhia de Jesus, mas que as

<sup>44</sup> João Baptista LAVANHA, *op. cit.*, p. 73 v.º.

<sup>45</sup> *Idem, Ibidem*, p. 74.

<sup>46</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>47</sup> *Idem, Ibidem, op. cit.*, p. 73 v.º.

<sup>48</sup> Archivum Romanum Societatis Iesu (ARSI), Lus. 78, fls. 13-16; 17-17 v.º; 21; 25-25 v.º; 32-32 v.º e Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, Tomo III, Vol. I, Apostolado da Imprensa, 1944, pp. 279-283.

<sup>49</sup> *Idem, Ibidem*.

leis divínas e humanas lhe atavam as mãos para não pagar o que devia a casa de Aveiro; o que possuía seu filho, o houvera não por herança do pai, mas por doação real, e seu dote e arras não estavam obrigados a dívida nenhuma do duque; por isso não podia pagar dos seus bens, tirando-os a seus filhos, nem do que pertencia a seu filho, a quem, como mãe, tinha obrigação de defender”<sup>50</sup>. Essa postura conduz ao inevitável processo judicial, que se arrasta até ao final da centúria de Seiscentos, quando a Província de Portugal se desobriga da dívida, deixando-a unicamente a cargo do colégio de Santo Antão<sup>51</sup>.

### NOTAS FINAIS

A história que Lavanha nos conta, do casamento do duque de Torres Novas com D. Ana Dória, “huma Princeza .... do mais esclarecido sangue, que se conhecia na Itália.”, cruza-se com relatos que já haviam sido fixados e desvela o estilo eloquente que caracterizou a descrição que o cosmógrafo fez.

Para além de nos conduzir ao universo dos jogos de enlace que, neste período, fortaleceram o governo hispano-português, a narrativa subsidia ainda o conhecimento das práticas cerimoniais áulicas da primeira metade de Seiscentos, em Portugal.

A partir dos vários dados fornecidos, não só se fica a conhecer o percurso que a princesa fez até chegar à “Terra do Sal”, como se compreende a importância que o mar e o rio têm aquando desta chegada, levando mesmo a uma tentativa de transformação do *facies* ribeirinho de Setúbal, por forma a melhor se adequar ao supramencionado evento.

A operação cosmética terá tido também por objectivo o embelezamento da então vila, que há muito esperava a vinda de Filipe III, e foi concretizada graças ao financiamento da Companhia de Jesus.

Por fim, torna-se importante entender este documento como um ensaio para a grande narrativa da vinda desse monarca a Portugal, bem como um possível pretexto para o reconhecimento dos espaços que este iria pisar. E, embora não tenha sido, como sabemos, o principal palco da *Joyeuse Entrée*, foi, indubitavelmente, aquele que a sobrinha neta de Carlos Borromeu e sobrinha neta, em 2.º grau, do papa Pio IV, pisou, bem como o Capitão Geral das Galés de Génova, insigne diplomata genovês ao serviço de Espanha, após uma jornada marítima empreendida na República genovesa, e que terminou num dos portos estratégicos da Casa de Áustria.

---

<sup>50</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>51</sup> *Idem, Ibidem.*

## Bibliografia

### FONTES MANUSCRITAS

*Archivum Romanum Societatis Iesu* (ARSI), Lus. 78, fls. 13-16; 17-17 v.º; 21; 25-25 v.º; 32-32 v.º.

Arquivo Distrital de Setúbal (ADS), *Arquivo Pessoal de Almeida Carvalho, Casas da ordem; Paço do Duque*, PT/ADSTB/PSS/APAC/E/0003.

Archivo General de Simancas (AGS), *Instrucciones para la embajada*, E, 2329 e 2331.

Archivo Histórico Nacional (AHN), *Estado*, 3459, 3.

Biblioteca da Ajuda (BA), Ms. 51-IX-8, fls. 165-173 v.º.

### FONTES IMPRESSAS

LAVANHA, João Baptista, *Viagem da Catholica Real Magestade del Rey D. Filipe II. N. S. ao Reyno de Portugal e rellação do solene recebimento que nelle se lhe fez / S. Magestade a mandou escrever por Ioão Baptista Lavanha sev Coronista Mayor*, Madrid, Thomas Iunti, Impressor del Rei N. S., 1622 (En Madrid por Thomas Iunti, Impressor del Rei nosso Senhor, 1621).

SOUSA, D. António Caetano de, *Historia genealogica da Casa Real Portuguesa, desde a sua origem até o presente, com as Familias illustres, que procedem dos Reys, e dos Serenissimos Duques de Bragança*. TOMO XI, Lisboa, Regia Officina Sylviana, Academia Real, 1745, pp. 69-72.

### ESTUDOS

ALVES, Ana Maria, *As Entradas Régias Portuguesas*, Lisboa, Livros Horizonte, 1986.

ARTUR, António-Paulo Ubieto, “Aportações à Biografia de João Baptista Lavanha”, in *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol. XXXVI, 1991, pp. 395-408.

BARRIOS, F., *El Consejo de Estado de la Monarquía Española*, Madrid, Consejo de Estado, 1984.

BUESCU, Ana Isabel, *Na Corte dos Reis de Portugal, Saberes, Ritos e Memórias*, Lisboa, Edições Colibri, 2010.

CALDAS, João Vieira, COUTINHO, Maria João Pereira, “Os Paços dos Duques de Aveiro em Setúbal”, in *Património Arquitectónico Civil de Setúbal e Azeitão*, Setúbal, Estuário História, 2019, pp. 111-139.

CANAS, António José Duarte Costa, *A obra náutica de João Baptista Lavanha (C. 1550-1624)*, Tese de doutoramento em História (História dos Descobrimentos e Expansão), apresentada à Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2012.

CANEDO, Fernando de Castro da Silva, *A Descendência Portuguesa de El-Rei D. João II*, Vol. I, Lisboa, Edições Gama, 1945.

CIAPPINA, M. Cavanna, “Dória, Carlo”, in *Dizionario biografico degli Italiani*, Vol. XLI, Roma, Istituto della Enciclopedia Italiana-Treccani, 1992, pp. 310-314.

COELHO, Maria Helena da Cruz, “A política matrimonial da dinastia de Avis: Leonor e Frederico III da Alemanha”, in *Revista Portuguesa de História*, 36, 2002-2003, pp. 41-70.

COSTA, António Martins, “O casamento de Leonor e Frederico III (1451-1452) e as relações entre Portugal e o Sacro Império nos finais da Idade Média», in *Medievalista online*, n.º 24, 2018. Consultado a 20 de Março de 2020 em: <https://journals.openedition.org/medievalista/1703>.

COUTINHO, Maria João Pereira, “Do cerimonial religioso ao aparato régio: o contributo de Almeida Carvalho para o estudo das celebrações em Setúbal na Época Moderna”, in *Revista Musa*, N.º 5, 2018, pp. 141-150.

FLOR, Pedro (coord.), *Praça Universal de Todo o Orbe. Uma Vista de Lisboa em 1619*, Lisboa, Museu de Lisboa, 2019.

LEITÃO, Humberto, LOPES, J. Vicente, *Dicionário da Linguagem de Marinha Antiga e Actual* (3.ª edição), Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos da Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1974.

PINTO, Carla Alferes, “Objectos artísticos, aparato e cor carmesim na memória esquecida do casamento da infanta D. Beatriz (1521)”, in Ana Maria S. A. RODRIGUES, Manuela Santos SILVA, Ana Leal de FARIA (coord.), *Casamentos da Família Real Portuguesa. Êxitos e fracassos*. Vol. IV. Lisboa, Círculo dos Leitores, 2017, pp. 169-197.

RODRIGUES, Francisco, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, Tomo III, Vol. I, Apostolado da Imprensa, 1944.

SOROMENHO, Miguel (coord.), *Joyeuse Entrée. A Vista de Lisboa do Castelo de Weillburg*, Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, 2016.

WILLIAMS, Patrick, “El Duque de Lerma y el nacimiento de la Corte Barroca en España: Valladolid, verano de 1605”, in *Studia Historica: Historia Moderna*, 31(0), de 4 de Março de 2011, pp. 19-51. Consultado a 9 de Abril de 2020 em: [https://revistas.usal.es/index.php/Studia\\_Historica/article/view/7736](https://revistas.usal.es/index.php/Studia_Historica/article/view/7736).

## ANEXO

### Nota prévia

O documento seguiu as regras de transcrição veiculadas por Eduardo Borges Nunes, tendo-se procedido à separação e união das palavras, desdobrando-se em itálico as abreviaturas das palavras e assinalando-se se as mudanças de fólios. Mantiveram-se as maiúsculas e minúsculas originais, à excepção dos nomes próprios, onde foram incluídas as maiúsculas em falta. Também se manteve a pontuação original.

### Documento

Relação das festas do casamento de D. Ana Dória com o Duque de Torres Novas por João Batista Lavanha. 12 de Julho de 1618. Biblioteca da Ajuda, Ms. 51-IX-8, fls. 165-173 v.º.

“Havendo Dom Pedro de Toledo Governador de Milão entregado a Infantaria Italiana a Dom Carlos de Oria Carrero Duque de Tursis Cappitão geral das Gales de Genova para guarda dellas como Sua Magestade lhe havia mandado, partiu de Genova o Duque para Espanha com toda sua esquadra a 12 de Julho deste ano de 1618, trazendo em sua Capitania a *Senhora* Dona Anna de Oria sua sobrinha, filha mayor do Principe de Melfi Andre de Oria seu Irmão, e da Princeza Dona Joanna Mona espoza do Duque de Torres Novas filho herdeiro dos Excelentissimos *Senhores* Dom Alvaro de Lencastro, e Dona Juliana de Lencastro Duques de Aveiro, para entregar na villa de Setuual a seu marido, como estaua a Princeza sua may obrigada por expressa condição das Capitulações matrimoniais firmadas em Madrid em o Paço de Sua Magestade a 2 de Fevereiro de 1617 pelas *Suas Mercês* Duques de Lerma e Oseta Procuradores do Duque de Torres Novas e da Duqueza sua espoza. Vinhão tambem na mesma Gale os Duques de Gandia, e o Marques de Lombay seus filhos com sua molher Dona Artemisia sua prima e Irmãa da Duqueza de Torres Novas. Acompanhão estas duas *Senhoras* athe Saona a Princeza Sua may, e o Principe João Andre Dória seu Irmão, assy mesmo a Duqueza de Turse, e sua Irmãa a Duqueza de Choli com seu marido Dom Carlos Cibo Duque de Ebuli herdeiro do Principado de Massa; e Saona se despedio a Duqueza de Torres Novas com saudosos / fl. 165 v.º / abraços de sua may, Irmão e tios, os quais todos se tornavão para Genova.

Com prospera viagem atraveçou o Duque o Golfão, e chegou a Barcellona aos 19 de Julho, onde logo despachou num correyo aos *Senhores* Duques de Aveyro com a nova de sua chegada a Hespanha, o qual foi de grande alegria as *Suas Excellencias* pello cuidado em *que* os tinham posto as defficultades *que* hião sobrevivdo; de Barcellona forão navegando a Denia, onde desenbarcarão os Duques de Gandia com os Marqueses de Lombay seus filhos; e daly seguindo sua viagem passavão o estreito, onde encontravão a Armada de Portugal e Castella de que era General Dom António de Tayde, e depois de o

salvarem e vizitarem passavão o estreito, e engolfando-se por rezão do tempo aportavão as Gales em Sagres *para* dobrar o cabo de São Vicente. Aguardava as Gales neste lugar Dom Miguel de *Azevedo* Cavalleiro do habito de São João estribeiro-mor do Duque de Torres Novas, por quem Sua Excellencia mandava vizitar naquella paragem a Duqueza Sua Esposa; logo *que* as Gales chegavão, passou Dom Miguel a Capitania, e fez sua embaixada que foi mui bem recebida. Apresentou a Duqueza hum collar, e huma cinta, *que* lhe mandava seu marido, pessos de mui *grande* vallor, que forão da pessoa del Rey Dom João o segundo fundador desta Caza, e tresavo do Duque, e com a resposta tornou Dom Miguel a Setubal carregado de collares de ouro *para sy*, e *para* os de cavallo, e ainda de pê / fl. 166 / *que* levava, levava mui boas novas da nova Duqueza *que* vinda em saude, e não enjooua em toda esta viagem.

Logo derão as Gales a vella, e vindo costiando dobravaão o Cabo de São Vicente com huma nevoa tão espessa, *que* não virão terra, se não ja bem juntos à serra da Arrabida. Vinhão ellas todas de luto pella morte de huma tia desta Senhora *que* falecera pouco antes de sua sahida de Genoua; mas em vendo terra de Setuval correrão, e encubrirão o luto, e se puzerão de festa, e alegria. Foi este dia tão dezejado dedicado ao bem aventurado martir São Lourenço 10 de Agosto sobre a tarde. Logo derão rebate as vigias *que* estavaõ por toda aquella costa, e subitamente se não ouviu em Setuval outra couza por todas as ruas, praças e praya, se não Galés Galés; vierão ellas surgindo athe darem fundo debaixo da Torre do Outão, *que* está na foz do Rio; Logo se ordenarão fragatas *para* hirem os nossos Duques vizitar os hospedes, por não ser chegados a festa que se acabava em *Lixboa* de nove remos por banda com sua coia e popa lavrada de mecanaria, pessa *que* se fizera *para* El Rey *quando* se tratou de vir Sua Magestade a este Reyno, a qual chegou dahy a poucas horas; metidos os Duques pay e filho nas fragatas mui ricamente toldadas, forão vizitar a *Senhora* Duqueza de Torres Novas, e Duque de Tursis, seu tio, o qual mandou huma galé; e nella hum fidalgo parente seu a beijar a mão a Duqueza de Aveiro; chegados os nostros Duques à Gale foram recebidos com grande salva de artilharia e arcabuseria / fl. 166 v.º /, e do som de muitas trombetas, e de caixas entoavão na Capitania Real, que com *muita* rezão mereçe este titulo, porque era de 30 barcos, e cada barco trazia seis galiotes, e todos erão da mesma idade, do mesmo tamanho, das mesmas feições, e libre; a popa lavrada de fora de ma[r]çenaria e relevo dourado tudo, e por dentro com entarsi de varias madeiras e de marfim e preto tudo feito de novo *para* trazer esta Senhora, sercada toda de vidros cristalinos contra o vento e *para* a vista, com cortinas de ouro e seda com que se encobrião *quando* não queriam ver nem ser vistos. Correram-se as cortinas em chegando os Duques, e dando-lhe os Duques as boas vindas em especial assim respondeo *esta bien se a hallado V. Ex.ª que tanto me ha costado*; todos estiverão assentados em cadeiras em boa pratica, e bem se notou no aparato a grandeza de seu serviço ainda *que* no mar, e em suas Respostas e presença seu alto entendimento e estremada fermozura; e porque era sexta feira, e ella he devotissima de Nossa Senhora

pedirão ao Duque que quizesse haver por bem não entrar aquella noite, *para* o fazer ao sabado, e tambem haver ja pouca mare *que* decia.

Despediu se o Duque, *para* mandar fazer prestes a entrada do outro dia e assy mesmo o Duque de Torres Novas mui saudozo de sua espoza, e igualmente espantado *porque* vira com seus olhos como ella com suas partes vencia, não só a fama, mas athe a mesma expectação; fizeram as Galés sua salva a sahida da mesma maneira *que* a entrada: os Duques *que* sahião, eis que entrava hum barco com Refresco *que* mandava a Duqueza carregado de Canastras / fl. 167 / de empadas, frutas e doces; chegados os Duques a terra, o de Torres furtou a volta ao pay, e ordenando duas faluas de varios instrumentos muzicos e cantores excellentes, se foi disfarçado outra vez a bordo da Galé Real, onde se entretera boa parte da noite: acordou o Duque de Tursis, e suspeitando quem podia ser falou da popa aos dos barcos *eya Senhores eya Senhores soldados arremetam a la galera, cargada esta de hum thezouro y riqueza hechadas las escaleras por popa acometar que hay havan deffenciones y combatentes*; assy esteue gracejando, elles lhe responderão em muzica muito aprepozita; e asy se tornarão sem se dar a conhecer. O Duque de Torres Novas toda a noite da sesta *para* o sabado se gastou em aprestos consertos de vestidos e ruas, *para* o *que* se ha-de notar; q̄i sabendo os moradores de Setuval *que* esta *Senhora* vinde, se offereceo a Villa o Governo e varios estados della a seu serviço nesta ocazião com prompta vontade. A saber o governo offerecendo-sse a fazer festas danças, correr touros, cavallos &c.<sup>a</sup> Os Pillotos *que* havia de muitas naos *que* estão aly estavam a carga do sal *para* com suas naos embandeiradas e artilharia dellas festejarem a entrada; os Cappitães de Infantaria, *que* são os da Villa são dez alem do termo de sahirem com suas companhias e soldados mui bem vestidos e armados aos postos em *que* o Duque com seu General e *Senhor* ordenasse; finalmente, os pescadores com seos barcos de duas vellas, *que* são neste porto em grande numero se offerecerão *para* hirem buscar as gales fora do porto, e mui enramados dar sua salva, e logo vir deante lançando e colhendo as redes / fl. 167 v.º / lançar o pescado pellas galés e prayas a todos: agradeceo o Duque a vontade e aceitou o serviço *que* lhe offerecerão a todos; e logo todos tratavão de sua obrigação e se puzerão em ordem o sabado pella manhã, e *para* a entrada ser lustroza se publicarão premios a quem melhor armasse seu portal e janella nas Ruas por onde a Duqueza Donna Anna havia de entrar. Fes-se toda aquella noite e manhã hum cais sobre barcos mui largo e comprido athe meyo rio em *que* podesse da Gale desembarcar a *Senhora* Duqueza. Ja neste tempo o rio e mar andava cuberto de barcos de vella e remo, as ruas e praças de gente de toda a sorte por que alem da ordinaria da terra, vierão infinitos das villas vizinhas de Sezimbra, Almada, Palmella, Alcacere, Azeitão e *muita* gente de Lisboa a ver a entrada, de maneira *que* as prayas, ruas, montes e outeiros, tudo estava cheyo de gente.

Comessava a maré a subir da huma *para* as duas, e em todo este tempo de manhã ouve embaixadas de parte a parte, com que se passou o tempo athe as tres da tarde, em *que* os nossos Duques acompanhados dos fidalgos parentes e *muitos* criados, se meterão

em seus bargantins, e forão a galé. Hia o Duque Dom Alvaro de branco e preto, o Duque Dom Jorge de Carmesim, o filho *segundo* Comendador-mor de Santiago dito Dom Affonso de amarello, todos vestidos bordados com collares requissimos, abotuadura de diamantes fios de perollas nas gorras, e joyas nas plumas de excescivo preço. Ficou-se em terra o Comendador-mor de Aviz sobrinho do Duque, que se diz Dom Francisco de Lencastre *para* a acompanhar / fl. 168 / a Duqueza Dona Juliana *que* veyo athe o cais onde esteve esperando em huma cadeira ricamente bordada a nova Duqueza sua nora e filha. Entravão na Gale Real Cappitania os Duques, onde forão mui bem recebidos, e o de Tursis *para* mais festejar mandou soltar os galleottes portuguezes *que* se achavão nas galés a honra do Duque, que logo vierão beijar a mão. Feito sinal do Paço logo o Castello do Outão salvou as galés em toda artelharia, e mosquetaria, a que responderão as galés da mesma maneira, e comessando a vogar se puzerão todas em alta levando a sua Capitania no meyo, todas cheias de flamulas, estandartes, bandeiras, e tangendo com as suas docanias, assy mesmo andava o mar cheyo de barcos, caravellas e outras embarcações mayores e menores em toda a variedade de instrumentos militares e muzicos, *que* era muito *para* ver, chegando as galés junto a fortaleza de São Filipe, *que* fica mais dentro no porto e estava embandeirada, logo elle comessou a salvar as galés com toda artelharia grossa e meuda e arcabuzaria *que* havia nella, ao que responderão as galés com toda a sua, e forão assy caminhando avante athe chegar em dereitura do Paço do Duque donde salvarão as galés com seis berços de bronze mui reforçados e bem lavrados *que* o Duque tem em sua gellaria e estavam nos heirados para o mar, a *que* responderão as galés da mesma maneira, e vogando com a mesma ordem compaço vierão emproar em o Cais, onde adiantando-se a Capitania, deu huma vella de um arneiro, *que* descahindo a Galé ficou com a popa no Cais, e porque elle era alto, e a galé se inclinou / fl. 168 v.º / aquelle bordo, poderão da galé sahir em terra, logo forão sahindo todos os criados, e os fidalgos Italianos e Portuguezes, e os parentes e *Senhores*, e por fim a *Senhora* Duqueza de Torres Novas, levada pella mão do Duque de Aveiro seu sogro, a acompanhada de seu espozó e tio e cunhado; sahio tambem huma cadeira de velludo verde *para* servir se fosse necessario; e assy andando vio de longe o Duque de Tursis a Duqueza de Aveiro, e largando o acompanhamento da sobrinha se adiantou a beijar-lhe a mão, *que* estava metida em huma cadeira bordada acompanhada de Dom Francisco de Lencastre; chegada a Duqueza se ouviu a filha *bendito* Sea Dios Mi Señora madre *que* me ha lhegado a este dia y paço de my tan deseado, em *que* visse a Vossa Excelencia, e lhe beijou a mão, e a Duqueza Dona Juliana estava sahida da cadeira, e abraçou a filha com grande afabilidade; as pallavras com *que* a recebeo não se puderão ouvir mas serião ellas dignas de seu alto entendimento bem conhecido nos Reynos de Portugal e Castella; logo se forão meter no coche, *que* *para* este Paço se fizera todo de balaustres de prata lavrada ao buril com muitas Rozas, e o ceo do mesmo cuberto de flores da mesma prata com varias empezas na popa e proa tudo sobre Carmezim, *que* realçava muito; o chão do coche do mesmo veludo carmezim cheio de pregadura

dourada almofadas bordadas carmezis, todo elle aberto cuberto de huma capa de velludo carmezim bordado; puxarão seis cavallos frizões rusos, sobre os quais dizia mui bem as guarniões carmezins, e ferragem dourada, e elles com suas penacheiras altas guiados por dous cocheiros com suas marlotas / fl. 169 / seguia se o governo da terra juizes e vereadores; diante delles hião os fidalgos Italianos e Portuguezes, Alencastres, Attaydes. depous delles hião vinte quatro homens de estribeira de libre alionada de pano finisso de seis cruzados mui apassamanados; logo se seguia o coche cercado de vinte quatro moços de Camara de velludo alionado com *muitos* passamanes de prata e ouro em pé com seus chapéos na mão ornados de plumas e transelins ricos, e por isso ao lado o Duque de Torres Novas, a este hum fermoço cavallo com os arreyos del Rey Dom João o 2.º de ouro macisso esmaltados com pedraria de *muito* preço e no fim os dous Duques de Tursi e Aveiro, e o filho Dom *Affonso* de Lencastre filho *segundo* do Duque. Tudo cercava a guarda dos Todescos *que* o Duque tem vestidos de libré com couvas brancas, giboes e calções de seda azul, seguia-sse os coches da Camareira-mor Dona *Maria* de Padilha e Damas, e por esta Ordem comessavão a sahir da praya ao som de infinita artelharia e charamellas, trombetas, festas e danças, se não *que* pellas ruas *porque* passavão cujos portais e janellas estavam ricamente ornados aparecião dellas a melhor gente da terra e as de todos estados / fl. 169 v.º / e lançavão com sestinhas de prata *muitas* flores, outras de pumos de vidro agoas cheirozas outros saudavão a nova Duqueza com muzicas e boas vindas, athe *que* chegavão ao terreiro do Paço, a onde se encontravão com dez companhias de Infantaria Portuguezas, *que* fichando todo aquelle acompanhamento depois de arrastarem os Alferes suas bandeiras lhes derão tres salvas com gentil ordem e preço.

Apeados neste Paço os *Senhores* e *Senhoras* para entrar na Igreja Catredal de São Julião, onde se havião de receber, tomou o Duque de Aveiro a nora pella mão, hindo a Duqueza Dona Juliana a esquerda e o *Senhor* Dom Luis filho quarto do Excellentissimos *Senhores* levava a faldra da cotta, *que* era de borcado verde bordado; trazia a dita *Senhora* Duqueza Dona Anna o colar e cinta *quelhe* mandara o Duque seu espozo a Sagres o Duque a entregou a Duqueza Dona Juliana, e assy dadas as maos entrarão as Duquezas na Igreja onde estava a porta della o Prior-mor da Ordem dos Cavalleiros de Santiago Dom Jorge de Mello Irmãos do Bispo de Lamego ja defunto, o qual em vestidos episcopais, revestido e acompanhado de seus freires lhes deitou agoa benta, e recolhendo-se *para* seu sitial, chegados os Duques e Duqueza de Torres Novas ao lugar deputado com toda a selebridade lhes lançarão as benções, *porque* já vinhão recebidos por procuração, daly se tornarão os Duques *para* sua estancia, e beijando a mão aos Duques seus pays se vierão a Palacio, *que* esta junto da Igreja levando pella mão o Duque a sua espoza *que* bravão os sinos de todas as Igrejas com Repiques, as companhias com caixas, as Ruas com charamellas e trombetas, e tudo com / fl. 170 / festas e danças.

Entrados em Palacio, logo na porta da primeira salla, os vierão a receber a *Senhora* Dona Brites de Lencastre Irmãa do Duque Dom Álvaro, com as duas *Senhoras* sobrinhas

suas filhas dignissimas dos *Excelentissimos* Duques de Aveiro a *Senhora* Magdalena e a *Senhora* Mariana acompanhadas dos *Senhores* pequeninos Dom Pedro e Dom António, que são estudantes e averão de ser clérigos querendo Deos; ahy se abraçarão e saudarão estas *Senhoras* e todas juntas forão para o quarto do Duque de Torres Novas, e a levavão a *Caza* de seus estrados, que toda estava armada de borcados amarellos e verdes com hum rico docel do mesmo; no estrado, nelle se puzerão em pé, ficando no meyo a Duqueza Dona Anna entre seu marido e sogra. E logo veyo Dom Affonso de Lencastre fazendo suas devidas cortezias, athe beijava a mão a Duqueza nova; apoz elle veyo Dom Francisco, Dom Lourenço de Lencastre seu primo, Dom Jeronymo de Tayde, e outros parentes; apoz elles vierão os officiaes mayores e fidalgos do Duque; e primeiro *que* todos João Baptista Labanha Chronista-mor e Cosmografo-mor deste Reyno e Mestre do Principe, *que* servio de Viador nesta festa, por haver morto poucos dias antes o antigo Viador Antonio Vellozo Cerqueira, e por sua ordem se fez tudo o que fica rellatado, logo os crescentados, escudeiros e cavaleiros fidalgos, logo os moços da Camara e ultimamente as Damas, Donas e moças de cana; feito isto fizerão mesmo os criados e criadas da Duqueza Dona Juliana; acabada esta omenagem, se sentarão as *Senhoras*, e comessarão no terreiro as Canas de / fl. 170 v.º / de fogo *que* festejavam muito os Italianos porque não uzão este folgar em sua terra, passando nisto parte da noite com muzicas e danças athe ter chegado o tempo das rodas.

Puzerão se duas mezas em cada salla; a primeira era de homens, a segunda de molheres; naquella se sentarão os Duques Dom Alvaro e Dom Carlos, e os Comendadores-mores de Santiago e Avis e mais parentes, assy portuguezes como Italianos; assistia hum Trinchante e quatro mantieyros vestidos ricamente de ouro e negro; estava a *Caza* cercada de fidalgos e gente nobre, naturaes e frausteiros; porque athe de Villa Viçosa se achavão aqui fidalgos.

Ficava em outra salla huma copa em *que* se vião muitos vasos de bastiões lavrados com grande perfeição; e emfim era a mesma del Rey Dom João o 2.º *que* ficou a esta *caza* posta por seus degraos debaixo de hum dosel rico de borcado, e corrião outras mezas em *que* estava a prata do serviço. Assistião varios copeiros na copa, e cozinheiros na cozinha, da qual vinhão os pratos e iguarias, precedendo servidores, Mestres sallas com suas toa-lhas nos hombros e Logo seus Porteiros de Cana e Maçeiros, o Rey de armas com hum escudeiro em corpo e a guarda de todescos; assy foi continuando a meza dos Duques e da mesma maneira a das Duquezas e mais *Senhoras* com o Duque de Torres Novas Derão se neste dia e nos outros vinte quatro pratos ouve no meyo danças e muzicas e varios instrumentos com *que* se concluiu aquelle dia, e assy por esta ordem os outros; se não *que* nos dias de carne apoz de hum prato de carne vinha logo tudo feito com grande primor. Comessavão / fl. 171 / Dom Jeronymo de Tayde, filho de Dom António de Tayde General *que* agora he da Armada Portugueza e outros e fizerão mui boas sortes em especial hum homem de Évora *que* se não conheceo, logo em anoitecendo havia o fogo e muitas

obras invenções, no *que* gastou o Duque quinhentos mil réis e mais a noite hauia saraos, e *que* sahião os Duques e Duquezas todas, *muitas* carreiras e cavallos danças de differentes maneiras, folias, galhofas, muzicas; e assy continuavão toda aquella semana; e em cada hum dos dias tiravão todos estes *Senhores* e *Senhoras* vestidos differentes bordados de differentes cores mui ricas e a apraziveis.

Esteve o Duque de Tursis com suas onze galés, Cappitae e soldadesca mui luzida a sesta, sabaso e domingo; e ouvera de estar mais se não tivera expreço recado de Sua Magestade que aos 15 de Julho estivesse com suas galés no estreito; pello *que* a *Segunda feira* se foi embarcar; os Duques pay e filho o forão vizitar, e elle cortezamente os enganou, tornando-sse com as galés pello rio assima e com elles a terra, mas furtando lhe a volta se tornou embarcar, e se veyo em as galés a foz aonde o Duque lhe mandou dar um banquete. A todas estas gales o Duque Dom Alvaro sustentou o tempo *que* estiverão, e o fizera todo o *que* estivessem; porque aos Cappitae tinha aparelhadas Cazas na villa mui armadas de telas e sedas com seus leitos e cortinas de damascos novos franjados de ouro, perto do quarto do Duque de Tursis, *que* foi o Paço del Rey Dom João o 2.<sup>o</sup> *que* ora fica dentro no Paço do / fl. 171 v.<sup>o</sup> / Duque, onde estavão quatro cazas ou sallas mui fermozas todas armadas de varias sedas, e em cada huma seu docel de borcado; as sedas erão da India mui apraziveis, com seus bofetes cubertos de tellas e sedas, tudo franjado e guarnecido de ouro; por baixo ficavão em outras tantas cazas seus fidalgos, e em outras seus criados, *que* todos forão agazalhados com *grande* abundancia e primor. Aos soldados dava o Duque tinello. Aos galeotes, dava cada dia a cada galé huma pipa de vinho, *que* erão onze pipas de Canarias hum fermozo boy, vinte quatro carneiros mui grandes, huma arroba de arros, muitos quintaes de biscoito branco, e pera o caminho se encherão as prayas de boyadas, carneiradas, pipas de vinho e tudo o mais de que carregarão a seu prazer. Ao Duque de Tursis mandou vinte quatro mates de ambar requissimos, sincoenta pares de luvas do mesmo, hum escritorio de charão de Japão, e estas pessas guarnecidas de madreperola, as gavetas cheas de Riqueza da India, huma de ambar branco, outra de papos de almiscar, outra de pipinhas de marfim de algalia, outra de pedras vazares e porco espim, outras de outras couzas e pera hir tudo hia huma de cravo, pimenta e maça. Mandou-lhe a cama e o leito e tudo em que dormira. Outro escritorio desta maneira se deu a Duqueza de Torres para mandar a sua may a Prinçeza. Derão se outro para a Duqueza de Tursis, e outras pessas Ricas para todas aquellas Senhoras se derão mais e boas pessas a hum menino filho bastardo do mesmo Duque de Tursis a seus fidalgos, soldados e Cappitães Collares, Colletes, traçados ricos e com isto se forão mui contentes, mui espantados / fl. 172 / da grandeza e realeza desta Caza de Aveiro, dizendo *que* bem parecia Real.

Na verdade ouve grandezas notaveis nestas festas *que* notavão a alguns judiciosos; huma foi os grandes gastos *que* se fizerão porque forão excessivos os gastos *que* se fizerão e por tais os demonstrou o Duque de Turcis e mais Italianos porque só nas libras e vestidos dos *Senhores* e *Senhoras* que se fizerão em Castella e correrão por via de João Baptista

Labanha criado *que* foi delle, e agora de Mestre de Princepe, se gasta não como elle diz trinta mil cruzados, não falando nos vestidos dos acrescentados, fidalgos e moços fidalgos, *que* se fizeram cá em *Lixboa*, armações de mais de vinte e tantas cazas *que* se fizeram cá de tellas e sedas ricas e damascos, nem falando nos arreyos e ricas muchilas bordadas, cadeiras de velludo, nem no coche *que* deve ser o mais rico e apraziuel *que* ha em Espanha. Foi grandeza e bem notável a abundancia de todas as couzas nesta festa; porque não falando nas duas mezas dos *Senhores* e *Senhoras* de *que* assim falamos nem nas mezas de estado, assy dos Italianos como Portuguezes, nem na abundancia com *que* se proverão as galés, foi tanta, a carne, *que* he couza constante, *que* a raça chegou a valler naquelles dias a tres réis o arratel, e o Carneiro a quatro, sendo assy *que* dantes vallia a vintem, do vinho se diz *que* todo Setuval bebia aquelles dias das adegas do Duque. Mandou se apregoar *que* quem quizesse carne viesse a despença do Duque. Não fallo na fruta e doces, *que* forão innumeraveis. Outra grandeza foi a gente *que* concorreo porque como notavão alguns curiozos na entrada desta *Senhora*, não ouve praya, / fl. 172 v.º / Rua, casa, nem a inda monte nem outeiro *que* não negue ja se com gente, *muita* foi desta Cidade alguns bem nobres desfarçados, e o *que* mais espanta *que* para todos ouve tudo necessario em abundancia, e com o Duque de Tursis ser homem mui pratico, se espantou de ver tanta gente, e toda ella tão alvoracada e afeicoada ao Duque. Notou se tambem por dita e ventura em tanto concurço de gente tão diverça não haver hum arruido nem briga, *que* he mui ordinario nestes ajuntamentos; nem ainda furtarem alguma peça de consideração sendo assy *que* andava a prata a rodo e sem conta por rezão dos *muitos* hospedes. Grandeza foi o dotte *que* trouxe esta *Senhora* porque não falando nos quarenta mil cruzados *que* offerecerão ao Duque de mais em cazo *que* a quizesse trazer de Genova a sua custa lhe dar em dinheiro de contado cento e vinte posto na Corte ou em *Lixboa* em ouro e prata; e tambem se podera chamar grandeza fazer o Duque tanta despesa sem se aproveitar deste dotte; alem disto ella ouve as comendas por algumas vidas, o titulo de Marques para o filho primogenito, e outros privilegios para a caza *que* se avalliarão em trezentos mil cruzados; nem falamos na legitima da Princeza sua may *que* ha-de caber esta *Senhora* *que* he muito mais *que* os cento e sincoenta mil cruzados *que* lhe couberão de seu pay, nem aqui se mette sua recamera *que* trouxe, *que* he riquissima.

Sobre todas as grandezas he sua pessoa porque parece *que* para formar esta *Senhora* concorrerão a natureza e a graça; he de estatura alta mui bem tirada; direita Rosto branco, feições antes meudas *que* grandes olhos verdes Cabellos de ouro / fl. 173 / dottada e estre-mada graça, e de huma alegria *que* sempre tras no rosto, a acompanhada de huma real gravidade, de maneira *que* todos os com *que* falla, compoem alegria e afeiçoã. Fala toscano e espanhol com toda a elegancia e propriedade, e vai aprendendo a lingoa do nosso Portugal, cujas couzas todas lhe contentão em tanto *que* mostrando lhe huns pucaros de Estremoz disse *hasta la tierra de Portugal es buena y buela*. He toda de singular entendimento, donde lhe nasce acomodar se a tudo em tudo. Ao Duque chama seu *padre*, a Duqueza *su*

*madre*, as cunhadas *sus hermanas*, e tão sugeita, *que* cada dia ha-de beijar a mão duas vezes ao Duque seu sogro com o *giollo* no chão, sem haver remédio *para* o Duque se escuzar dizendo *que assy lo tira por regimento de su madre, y non le hava Dios merced a quel dia si no tuviere su bendicion*. Daqui vem ser mui amada de todos aquelles *Senhores*; Sobretudo he estremada sua virtude, *porque* cada oito dias se confessa e comunga, e *para* isto traz consigo hum *Padre* da Companhia *que* se diz Nicolao Espinola mui parente do Marques Espinola e sobrinho do Cardeal. Cada dia reza o officio de Nossa Senhora, defuntos e psalmos penitenciais e seu roزاری de joelhos, alem de ouvir missa, e a seu exemplo fazem o mesmo suas criadas as Italianas *que* trouxe. São tres Damas, duas Donas, huma moça de serviço. Isto he o *que* pude alcançar.

Mas *para que* nestas festas e alegrias o mundo mostra se o *que* he foi nas que fez El Rey Dom João 2.º trisavô destes *Senhores* tão afamados em Evora, *que* em poucos dias se converterão em pranto, tendo sse aparelhado canas / fl. 173 v.º / e touros etc, *para* dia do nascimento de nossa *Senhora* em Azeitão sendo Autor o *Senhor* Dom Affonso de Lencastre filho 2.º dos *Excelentissimos* Duques de Aveiro e Comendador-mor de Santiago, *que* nas festas passadas fez maravilhas tomando a sua conta ser mordomo mayor nellas. Chegou novas, *que* em Genoa era falecido o Principe Irmão primogenito desta *Senhora* dito João Andre Dória grande de Castella Comendador do Tuzão General das Galés de Idade de doze annos de estremada figura gentileza tão bem *que* uisto e gracioso, *que* quando sahia por Genoua se cayão os officiaes no chão, lhe rogavão *muitos* bens. Faleceo em 12 dias aos doze de Julho, *que* foi o mesmo dia em que se comessavão as festas *para que* seja verdade o *que* diz o sabio *extreme gaudi luctus occupat*. Deu seu confessor o avizo a *Senhora* Duqueza, *que* o sentio de maneira *que* pediu o grande amor com *que* se amavão, e tanto mais quanto ella veyo a cuidar *que* com a sua auzencia foi a cauza de sua morte, *porque* logo adoeção *que* ella se partio. O Duque seu espozou por se parecer com ella mandava dezarmar seu quarto fechar janellas, tomou capuz, o Duque seu pay por se parecer com o filho fez o mesmo e se vestio de luto elle e todos os *Senhores* e assy esta hoje o Paço e criados todos de negro. Isto he o *que* pude ver e saber nestes dias *Guarde Deos a Vossa Merce*

Foi feita esta Relação por João Baupstista Labanha  
Coronista do Reyno e Mestre do Principe a 12 de Julho de 1618”

